



PIB - Produto Interno Bruto

Segundo o IBGE, o Produto Interno Bruto cresceu 5,4% no segundo trimestre de 2007 com relação ao mesmo período de 2006. Com este último resultado, este indicador completa quatro trimestres consecutivos de crescimento, o que implica a confirmação de uma trajetória de expansão econômica.

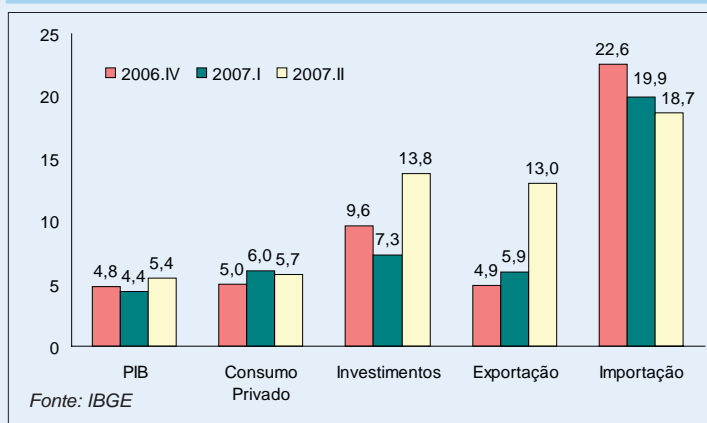
Considerando os componentes da demanda, os investimentos merecem destaque nesta análise, pois cresceram 13,8%. Este comportamento é reflexo principalmente do aumento de produção e da importação de máquinas e equipamentos.

Outro componente da demanda, que influenciou este resultado, foi o consumo privado. A expansão de 5,7% registrada nesse período pode ser explicada principalmente pelo aumento do salário real e pela continuidade do processo de ampliação do crédito pessoal.

A demanda externa também apresentou taxas de crescimento positivas. Segundo o IBGE, as exportações de bens e serviços aumentaram 13,0% no período, influenciadas pela baixa base de comparação do segundo trimestre de 2006, quando houve greve na Receita Federal. As importações de bens e serviços apresentaram crescimento de 18,7%. Os principais produtos da pauta de importação que beneficiaram este resultado foram: produtos químicos, metalurgia, peças e acessórios, têxtil, madeira, máquinas e equipamentos.

No gráfico 1 a seguir, é possível observarmos a evolução positiva dos componentes da demanda a partir do quarto trimestre de 2006.

Gráfico 1 - Componentes da Demanda
Taxa (%) do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Entre os setores produtivos, a indústria teve o maior destaque com uma taxa de crescimento de 6,8%. Neste setor, a indústria de transformação e a indústria extrativa merecem destaque, uma vez que cresceram 7,2% e 5,9% e, dessa maneira, contribuíram para o bom desempenho industrial.

A agropecuária apresentou uma variação de 0,2% na

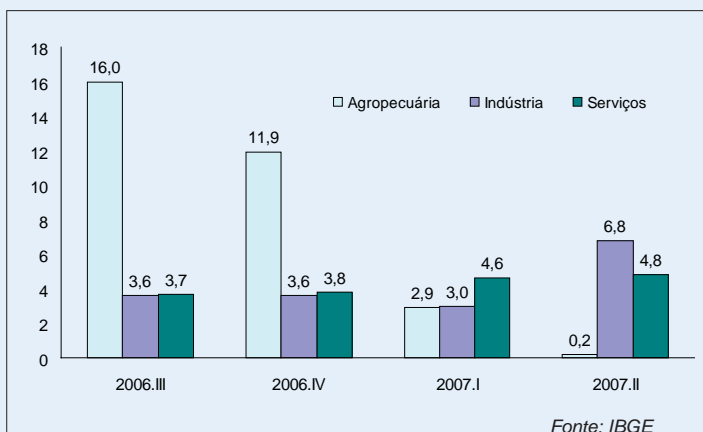
comparação com o mesmo trimestre de 2006. Este resultado foi influenciado pela queda de alguns produtos que têm safra relevante neste período, tais como: café em grão, arroz em casa e feijão.

Ainda com relação a este período, o Setor de Serviços alcançou um crescimento de 4,8%, graças à evolução positiva dos subsetores de Intermediação Financeira e Seguros (9,6%), Comércio (8,1%), Serviços de Informação (7,5%), dentre outros.

No gráfico 2, ao lado, é possível visualizar os diferentes desempenhos setoriais mencionados.

Assim, a taxa de crescimento do PIB acumulada no primeiro semestre de 2007 alcançou 4,9%, na comparação com o mesmo período de 2006. Esse bom desempenho apresentado pela economia fez o IPEA reavaliar as projeções de crescimento do PIB, em 2007, de 4,3% para 4,5%.

Gráfico 2 – Setores de Atividade
Taxa (%) do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Mercado de Trabalho

Taxa de Desemprego

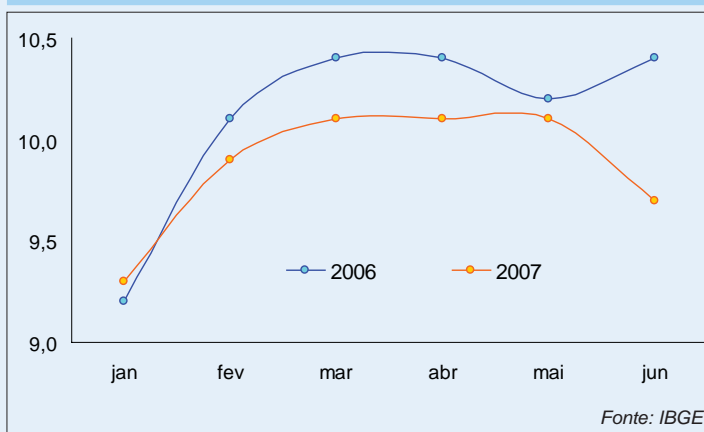
A taxa de desemprego – percentual de pessoas desocupadas procurando trabalho entre os economicamente ativos – encerrou o segundo semestre de 2007 com taxa de 9,7% em junho. Este resultado é 0,7% inferior ao mesmo mês de 2006.

Segundo o IBGE, este resultado é a primeira inflexão de 2007, pois até maio deste ano, a taxa de desocupação ainda não havia recuado.

No gráfico 3 ao lado, podem-se comparar as diferentes trajetórias na evolução da taxa de desemprego entre o primeiro semestre deste ano e o do anterior, em que é possível observar uma redução persistente nos níveis de desemprego.

Segundo o IPEA, apesar dessa trajetória descendente, a taxa de desemprego ainda pode ser considerada como resistente a reduções maiores, pois há uma grande pressão sobre a população economicamente ativa (PEA). Isso ocorre, porque há um ingresso de pessoas na PEA que são motivadas pela melhoria atual

Gráfico 3 - Taxa de Desemprego (%) - Jan-Jun/2007



das condições de trabalho. Entretanto, ainda segundo o IPEA, esse cenário de pressão tem dado sinais de mudança e é possível que, nos próximos meses, a taxa de desemprego tenha uma redução maior.

No âmbito regional, Belo Horizonte e São Paulo foram as duas regiões metropolitanas que apresentaram redução da taxa de desemprego em junho com relação ao mês anterior.

Massa de Rendimento Real Efetivo

A massa salarial real dos trabalhadores ocupados, nas seis regiões metropolitanas pesquisadas, atingiu, em maio de 2007, o montante de 22,9 bilhões de reais, indicando alta de 0,7% em relação a abril. Na comparação com o mesmo mês de 2006, o quadro também foi favorável, com um aumento de 5,9%. Segundo o IPEA, a continuação do processo de expansão da massa salarial já tem efeitos sobre a demanda, o que pode levar a um cenário de maiores investimentos, ganhos de produtividade e ampliação da capacidade instalada. Dessa maneira, a economia não correrá riscos de pressões mais fortes sobre as taxas de inflação.



Inflação

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) fechou o mês de junho de 2007 em 0,3%. O índice foi o mesmo do mês anterior, que também ficou em 0,3%.

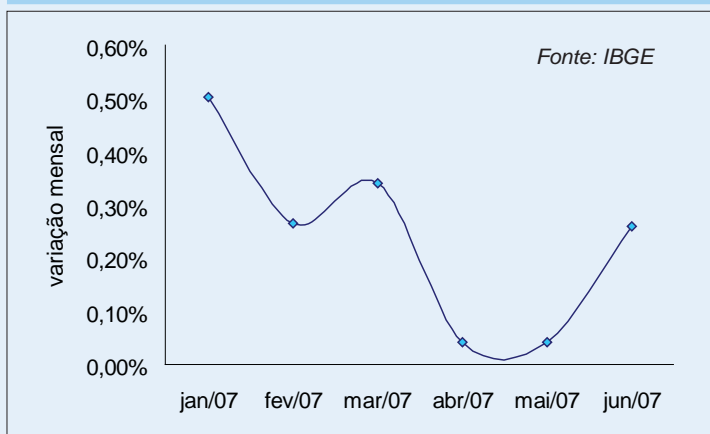
Em relação ao mesmo período de 2006, quando o IPCA registrou deflação de 0,2%, houve alta de 1,5%. De acordo com os dados divulgados pelo IBGE, o resultado acumulado no ano é de 2,1%.

Os principais responsáveis por este resultado é o grupo alimentação e o grupo de bebidas. A alta nesses produtos foi de 1,1% em junho, influenciado principalmente pelos preços do leite, que subiram 12,4%, de acordo com o IBGE, em função da menor oferta registrada no período. Além disso, aumento nos preços do feijão carioca (15,7%) e dos ovos (4,9%). Também houve avanços significativos nos preços dos artigos de vestuário (0,9%) e nos salários dos empregados (1,1%) no mês de junho.

Em movimento, observa-se uma queda de 1,7% nos combustíveis. O IBGE informou que a maior produção de cana-de-açúcar favoreceu a redução nos preços do álcool nas usinas. O preço do litro do álcool combustível nas bombas sofreu queda de 12,4% e foi a menor contribuição individual em junho para o resultado do IPCA. Os menores preços observados no álcool também contribuíram para o recuo nos preços da gasolina, que apresentaram queda de 0,8%.

A inflação medida pelo IGP-M repetiu em maio a taxa de 0,04% observada em abril de 2007. Os preços no atacado caíram 0,09%, menos que o recuo de 0,14% observado em abril. Até maio, o índice acumula elevação de 1,2% no ano. O IGP-M terminou junho com elevação de 0,7%, influenciado pela alta dos preços no atacado, especialmente dos produtos agrícolas. No primeiro semestre do ano, o IGP-M acumulado é de 1,5%. No período de 12 meses, o índice registra variação de 3,9%.

Gráfico 4 - Evolução do IGP-M de janeiro a junho de 2007



No gráfico 4 ao lado, é mostrada a evolução do IGP-M no primeiro semestre de 2007.

O Índice de Preços por Atacado agrícola cresceu 0,1% em junho, enquanto o IPA industrial observou uma queda de 0,03% no mesmo período.



Crédito

Até junho, o estoque total de operações de crédito havia atingido R\$ 799,2 bilhões (32,3% do PIB), representando um crescimento real de 17,0% (descontada a inflação pelo IPCA) contra o mesmo mês do ano passado (R\$ 658,5 bilhões ou 29,3% do PIB), representando um crescimento real de 17,0% (descontada a inflação pelo IPCA) contra o mesmo mês do ano passado (R\$ 658,5 bilhões ou 29,3% do PIB). Embora essa variação não tenha sido a mais expressiva nos primeiros seis meses do ano, já que, em abril, a expansão chegou a 18,4%, cabe salientar que foi a 38ª alta consecutiva acima do patamar dos 10%.

Ao longo do primeiro semestre deste ano, registrou-se um aumento acumulado 9,1%, na comparação de junho com dezembro de 2006, o que, em termos reais (descontando a inflação pelo IPCA), resulta em variação positiva de 6,9%, no volume de crédito concedido pelo sistema bancário. O que liderou

a evolução do crédito, durante o referido semestre, foi a concessão de crédito a pessoas físicas através de recursos livres dos bancos, através, sobretudo, das políticas de crédito consignado. A capacidade de consumo ampliada, mediante as facilidades de acesso e expansão do crédito às famílias, constitui uma das motivações (ou explicações) para a aceleração do crescimento do PIB.

A expansão do crédito, ao longo do primeiro semestre, só não ocorreu de modo mais intenso, por causa da fraca redução apresentada pelas taxas médias de juros praticadas nos financiamentos com recursos livres dos bancos, que caiu de 39,8% para 37% (2,8 pontos percentuais), no período, cuja redução foi maior para o financiamento concedido às pessoas físicas (de 52,3% a.a para 48,4% a.a.); no caso de pessoas jurídicas, a redução foi de 2,5 p.p. (passando de 26,2% para 23,7% a.a.). A principal explicação para esta baixa redução está associada aos elevados spreads bancários ainda praticados.

Três principais fatores podem ser apontados como determinantes da evolução do crédito. O primeiro é o baixo valor de referência inicial, ou seja, o baixo volume de crédito que o país acumulou após prolongado período de instabilidade e de crescimento econômico baixo, o que afugentou tanto supridores (no caso os bancos) quanto demandantes (empresas e famílias, além do setor público) do crédito. Avaliações positivas quanto ao andamento da economia por parte de consumidores e empresários constituem um segundo fator de base. Finalmente, em uma conjuntura de grande expansão do crédito como a atual está sempre presente um componente próprio do sistema de crédito, em geral associado a uma “inovação financeira”, ou a variações expressivas em variáveis que definem as condições do crédito, como taxa de juros e prazos dos financiamentos.

Além destes, cabe ressaltar o sistema de crédito consignado, que permitiu a expansão do crédito através da redução dos riscos associados.



Atividade Industrial

A atividade industrial mostrou uma aceleração no ritmo de produção ao longo do ano de 2007. No primeiro trimestre, o crescimento foi de 3,8%, na comparação com o mesmo período do ano passado; no segundo, de 5,7%, e já apresenta um crescimento de 6,8% no mês de julho. Já a taxa anualizada (referente aos últimos 12 meses) acumula um crescimento de 3,9%. A indústria geral chegou ao sétimo trimestre consecutivo com taxas positivas, o que resultou num acréscimo de 8,3% neste período. Apresentam destaque neste crescimento São Paulo (com crescimento de 2,9% no primeiro trimestre, 5,1% no segundo e 6,7% em julho) e Minas Gerais (com crescimento de 5,9%, no primeiro trimestre; 9,9%, no segundo trimestre; e 11,4%, em julho).

É importante destacar, que, apesar deste crescimento no segundo trimestre como um todo, no mês de abril, a produção industrial apresentou o primeiro resultado negativo (-0,1%) na margem, após seis meses de crescimento. Este dado significou apenas uma desaceleração no processo de crescimento, que, no entanto, foi facilmente revertida, permitindo um bom resultado para a atividade industrial no trimestre como um todo. Analisando-se o desempenho por categorias de uso, é possível observar-se que apenas a produção de bens de consumo não-duráveis e semi-duráveis cresceu na margem, no mês de abril de 2007 (0,8%). Esta categoria é a que apresenta o menor crescimento acumulado no ano, em relação ao mesmo período de 2006. O destaque, até abril de 2007, foi a produção de bens de capital, impulsionada pelo investimento em máquinas e equipamentos. Já se considerando o segundo trimestre como um todo, os bens de capital tiveram o maior dinamismo, com alta de 16,7%. Os bens de consumo duráveis tiveram alta de 4,4% e os bens intermediários, de 4,1%.

No segundo trimestre, até mesmo segmentos afetados pelo real valorizado, como Calçados e Vestuário, começaram a esboçar reação. Os Calçados reduziram as perdas de -11,5%, no primeiro trimestre, para -0,7%, no segundo trimestre. Já os celulares, que vêm sofrendo perda de dinamismo das exportações, diminuíram o ritmo das perdas de -8,9% para -3,5%, no período.

Na comparação de junho de 2007 com junho de 2006, a indústria teve crescimento de 6,6% na produção, o maior avanço desde dezembro de 2004 (8,3%). Entretanto, de acordo com a CNI, comparando-se com os três meses anteriores, caracterizados por um expressivo crescimento da atividade industrial, o mês

de junho pode ser analisado como um período de estabilidade na atividade industrial. O que se observa no mês de junho pode ser descrito como uma acomodação no ritmo de crescimento, que, no entanto, não interrompe nem altera a tendência de crescimento observada no trimestre anterior.

No primeiro semestre deste ano, frente a igual período de 2006, o crescimento da produção industrial global (4,8%) resultou do predomínio de taxas positivas, que atingiram 20 das 27 atividades pesquisadas, com a maior contribuição positiva vindo de máquinas e equipamentos (17,5%), onde se observou aumento em aproximadamente 80% dos 81 produtos acompanhados.

Também se observam bons resultados nos setores de veículos automotores (8,9%), metalurgia básica (8,2%), alimentos (3,3%), máquinas para escritório e equipamentos de informática (21,2%), outros produtos químicos (5,3%) e indústria extrativa (5,7%).

As demais categorias registraram índices abaixo da média industrial. Como exemplo, destaca-se a categoria de bens de consumo duráveis, com uma taxa de 4,4%.

O setor de bens intermediários registrou crescimento de 4,1%, com destaque para insumos industriais elaborados (4,0%), o de maior impacto na categoria, refletindo uma maior produção siderúrgica e de autopeças.

A indústria de bens de consumo semi e não-duráveis (2,9%) teve seu resultado influenciado principalmente por alimentos e bebidas elaborados (4,5%).

Para consolidar os dados descritos acima, apresenta-se abaixo uma tabela mostrando o comportamento da indústria por categorias de uso, no ano passado e neste ano, trimestralmente. Desde já, é possível resumir afirmando que a produção industrial global cresceu apoiada principalmente no desempenho de bens de capital, cujo ritmo ficou bem acima da média, acumulando 21,7% nesses sete trimestres, vindo a seguir bens de consumo duráveis (12,1%), bens de consumo semi e não-duráveis (7,5%) e bens intermediários (6,4%).

Indicadores de Produção Industrial por Categorias de Uso						
Índice Trimestral (base: igual ao trimestre imediatamente anterior)						
Categorias de Uso	2006				2007	
	1º Tri	2º Tri	3º Tri	4º Tri	1º Tri	2º Tri
Bens de Capital	-0,4	0,5	3,2	3,6	7,4	3,3
Bens Intermediários	0,7	0,7	0,8	0,3	1,6	1,6
Bens de Consumo Duráveis	6,8	-1,5	-1,4	0,5	4,2	2,6
Bens de Consumo Não Duráveis	2,3	0,1	0,2	1,0	0,5	2,8
Indústria Geral	1,2	0,5	0,6	1,1	1,4	2,5

Fonte: IBGE.

Comparando-se os meses de maio e junho de 2007 e levando-se em consideração um ajuste sazonal, a indústria cresceu 1,2%. De acordo com o IBGE, o crescimento da indústria no ano se sustenta, sobretudo, no incremento da demanda doméstica, além do crescimento agrícola e da continuidade de resultados positivos nas exportações. Além disso, o ambiente atual, caracterizado por uma inflação reduzida e manutenção da oferta de crédito, vem favorecendo os investimentos, tanto na indústria como em outros setores, o que se reflete na dinâmica do segmento de bens de capital.



Setor Externo

De acordo com o IPEA, o saldo da Balança Comercial atingiu US\$ 3,8 bilhões em maio de 2007, acumulando US\$ 16,9 bilhões no ano (até maio) e US\$ 47,9 bilhões em 12 meses. Este saldo do mês é resultado de exportações de US\$ 13,6 bilhões e importações de US\$ 9,8 bilhões.

De acordo com o critério de dados dessazonalizados das exportações e importações, o resultado dos primeiros cinco meses do ano foi bastante favorável, apresentando um crescimento de 21% em relação aos cinco primeiros meses do ano passado (exportações). Contudo, este resultado muda se considerarmos o critério das médias dessazonalizadas (eliminando as variações devidas a dias úteis). Neste caso, as exportações estão praticamente paradas, o que pode indicar, segundo o IPEA, que elas podem estar atingindo um teto.

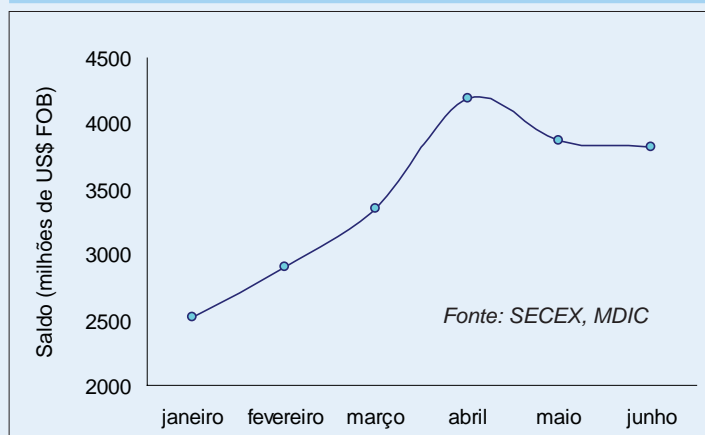
Analisando-se as exportações por classe de produto, observa-se que a possível estagnação das vendas externas nos últimos meses foi causada pelos semi-manufaturados, que apresentaram queda de 3,5% (levando-se em conta os últimos 3 meses e os 3 meses anteriores) e os básicos, que tiveram alta de apenas 0,6% tendo a mesma base de comparação. Os produtos manufaturados alcançaram alta de 3%. Por outro lado, o crescimento das exportações até maio de 2007 comparando-se com o mesmo período de 2006 foi provocado principalmente pelos básicos (33,8%) e pelos semimanufaturados (26,7%) enquanto os manufaturados cresceram apenas 15%.

Já sobre o mês de junho, é possível afirmar que o saldo das exportações na balança Comercial Brasileira teve o segundo melhor movimento do ano, com vendas equivalentes a US\$ 13,119 bilhões (menos 3,9% em relação a maio), enquanto as importações, com o total de US\$ 9,303 bilhões, tiveram desempenho 4,9% menor, na comparação com o mês anterior. Esse resultado favorável proporcionou saldo comercial de US\$ 3,816 bilhões no mês passado, com redução de 1,3% em relação ao saldo de maio. Comparando-se este resultado com o mesmo período do ano passado, observa-se uma queda de 6,9%. No acumulado do primeiro semestre de 2007 o saldo chega a US\$ 20,662 bilhões, com aumento de 5,7% sobre o mesmo período de 2006.

O gráfico 5 ao lado, ilustra a evolução do saldo comercial brasileiro nos primeiros seis meses do ano.

Analisando-se o gráfico 5, observa-se que a balança comercial registrou um crescimento considerável até abril, observando, após este período, uma pequena queda. De abril para maio de 2007 houve uma queda de 7,7% no saldo da balança comercial, que caiu de US\$ 4.191 bilhões para US\$3.866 bilhões. De maio para junho, a queda foi bem menor (2%), com um saldo de US\$ 3.815 bilhões.

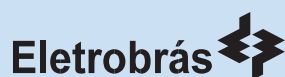
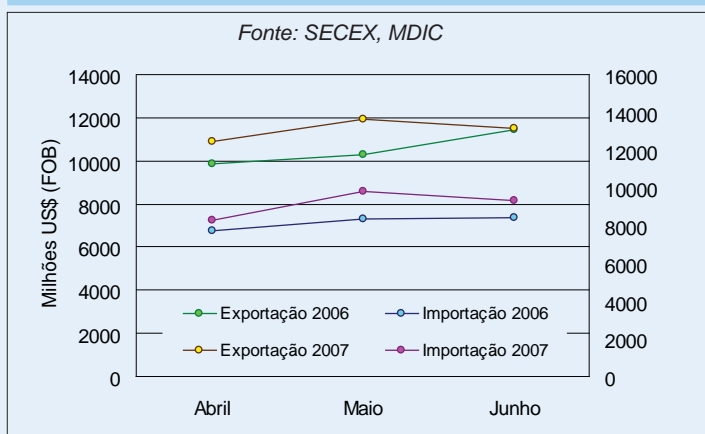
Gráfico 5 - Evolução do Saldo Comercial de janeiro a junho de 2007



A seguir é exposto o gráfico 6, que mostra o comportamento das exportações e importações brasileiras (segundo trimestre dos anos de 2006 e 2007), para que seja possível se fazer uma análise da evolução destas variáveis. A partir deste gráfico, é possível observar que tanto as importações quanto as exportações cresceram de 2006 para 2007.

Asoma das exportações de janeiro a junho é de US\$ 73,215 bilhões, com aumento de 19,9% em relação ao primeiro semestre de 2006, e as importações, no mesmo período, atingiram US\$ 52,553 bilhões, com crescimento de 26,6%. Nos últimos 12 meses (julho/2006 a junho/2007), o saldo comercial chega a US\$ 47,592 bilhões.

Gráfico 6 - Exportações e Importações Brasil (2º Trim 2006 e 2007)



DE - Diretoria de Engenharia
 DEN - Departamento de Estudos Energéticos
 Renata Leite Falcão
 Av. Presidente Vargas, 409 - 10º andar
 CEP 20.071-003 - Rio de Janeiro
 Tel.: (21) 2514-6123/Fax: (21) 2514-5948
 den@eletrobras.com/www.eletrobras.com

Equipe Técnica de Mercado:
 Jorge de Oliveira Camargo,
 Carina Cavalcante Coelho, Debora
 Duque Estrada de Albuquerque e
 Vinicius de Holanda Miranda

edição - Fátima Messeder
 impresso na gráfica da Eletrobrás